



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

27 DE JUNHO
TEATRO SÉRGIO CARDOSO
SÃO PAULO - SP

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
JOSÉ SARNEY, AO ENTREGAR O TROFÉU
JUCA-PATO AO INTELLECTUAL DO
ANO

Constitui este um momento bem brasileiro de reflexão sobre os valores do espírito que me honra e alegra: a homenagem merecida que exalta Fernando Henrique Cardoso, homem de valor intelectual e espírito público provados.

Saboreio também, agora, o reencontro com a grandeza cultural de São Paulo, que em 17 de abril abrigou o Congresso Nacional de Escritores, o qual tive a honra de inaugurar.

Neste instante sinto-me, porém, duplamente envolvido, em empatia absoluta com o homenageado e a homenagem que o consagra, homens de letras e homens públicos que somos os dois.

Ninguém põe em dúvida a justeza com que o Troféu Juca-Pato cabe ao Senador paulista, expressão elevada dos estudos sociais do seu tempo — dos nossos tempos —, que com tão aguda percepção soube captar.

Fernando Henrique Cardoso é daqueles paulistas — e não podemos deixar de citar Florestan Fernandes, Otavio Ianni, Edgard Carone, entre tantos — que nas décadas 60/70 apontaram ao Brasil, em seus ensaios, em termos sociologicamente abrangentes, mazelas que três décadas antes o Juca-Pato denunciava em termos e dimensões pessoais, através da Folha da Noite, de São Paulo.

Não será demais lembrar quem foi Juca-Pato, aquela figura que, segundo seu autor, o caricaturista Belmonte, encarnava o representante ideal da justiça e expressão da luta pela igualdade social. O personagem, atualíssimo, protestou sempre contra as injustiças miúdas do dia-a-dia que sempre agriem os humildes e despossuídos.

Permito-me também esboçar o paralelo histórico do recado do personagem de Belmonte com a mensagem do nosso homenageado: enquanto Juca-Pato, pela pena do seu criador, em charges desabusadas, fez a denúncia dos anos que mediaram 1936 e 1946, tempos difíceis do Estado Novo, veio Fernando Henrique fazer, cerca de trinta anos depois, a análise de outros tempos duros, fundado em conhecimentos de cientista político que honra São Paulo e engrandece a Nação.

Entre os agraciados do Juca-Pato despontam nomes que balizaram nossa História, como Alceu Amoroso Lima, Érico Veríssimo, San Tiago Dantas, Luiz da Câmara Cascudo, Cora Coralina, e pensadores que marcam nossos passos, como Sobral Pinto e Afonso Arinos de Melo Franco.

E agora, neste 1985 de tanta riqueza política, de renovação e transformação do País, cabe a Fernando Henrique Cardoso o título de Intelectual do Ano.

Homem de seu tempo, Fernando Henrique rompeu com a observação pura e simples do cientista, para, inconformado, lançar-se ao mar da luta política.

Hoje, são as virtudes do intelectual e homem público, senador da República pelo São Paulo de Anchieta, de João Raimundo, de Fernão Dias Pais, do Movimento Modernista de 22, que me trazem aqui, de novo, para junto da gente que, com o rasgo das Bandeiras, rompeu as amarras das Tordesilhas e forjou novas dimensões para o Brasil.

Meu amor a São Paulo vem de longe. Do estudante que buscava na noite a garoa que, em encantamento e lembrança, encontrava na declamação da *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, nas noites de boêmia intelectual do Maranhão.

Cresceu nos amigos — dos melhores que a vida me deu, que aqui encontrei. Dos filhos que aqui juntaram-se à juventude paulistana nas universidades onde estudaram, no protesto, nas paixões populares da alma paulistana.

São Paulo da evocação dos seus sentimentos, da sua carga histórica, do seu valor humano, do seu destino de grandeza.

Antonio Machado dizia: *Ponga amor y sacarás amor.*

É este amor por São Paulo que tenho certeza que me protegerá neste caminho difícil para ajudar-me a ajudar o Brasil.